

## Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**Volume 15, julho a dezembro de 2005.**

### **Educação Ambiental Ou Educações Ambientais? As adjetivações da educação ambiental brasileira**

Environmental Education:  
the adjectives of brasilian environmental education

Daniela Bertolucci

Departamento de Educação / Núcleo de Pós-Graduação em Educação Ambiental / Instituto de Biociências UNESP – Rio Claro / daniemarcio@yahoo.com.br

Júlia Machado

Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Agroecossistemas – Interunidades / Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” ESALQ – USP / jmachado@esalq.usp.br

Prof. Dr. Luiz Carlos Santana

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação / Instituto de Biociências UNESP – Rio Claro / luizcs@rc.unesp.br

### **Resumo**

Neste artigo pretendemos identificar as várias adjetivações que a Educação Ambiental (EA) vem ganhando no seu campo teórico e prático. Colocamos em debate a grande diversidade de vertentes que estão surgindo na educação ambiental brasileira contrapondo uma educação ambiental moralista, reducionista e distanciada das questões sociais. EA Crítica, EA Transformadora, EA Emancipatória e a Ecopedagogia serão discutidas no decorrer deste trabalho, enfocando seus referenciais teóricos, fundamentos políticos, pedagógicos e éticos.

Palavras-chave: educação ambiental, concepções de educação ambiental, adjetivações da educação ambiental

## **Abstract**

This article intended to identify the several adjectives that Environmental Education (EE) is getting in the theoretical and practice area. We put in discussion the big diversity of slope that is arising in brasilian environmental education, oposite the environmental education moralist and distant of social questions. Critical EE, Transformer EE, EE for Emancipation and Ecopedagogy will be analysy in this work, for approach theoretical references, political foundation, pedagogical and ethical.

Key-words: environmental education, conceptions of environmental education, adjectives of environmental education

Pretendemos neste espaço identificar as várias adjetivações que a Educação Ambiental (EA) vem ganhando no seu campo teórico e prático. Alguns autores brasileiros preocupados com o reducionismo do modo de pensar e fazer a EA estão unidos no esforço de construir um novo olhar sobre ela:

[...] um olhar ponderado entre as múltiplas dimensões da complexidade ambiental, criando novas denominações para renomear a educação que já é adjetivada de “ambiental”, para que a EA seja compreendida não apenas como um instrumento de mudança cultural ou comportamental, mas também como um instrumento de transformação social para se atingir a mudança ambiental (LAYRARGUES, 2004-a, p.12).

Para isto iremos explicitar os fundamentos políticos, pedagógicos e éticos que guiam estas novas denominações de EA. Nosso objetivo é desmascarar a interpretação errônea que muitos fazem de que o campo da EA é homogêneo e consensual e trazer para o debate a grande diversidade de nomenclaturas que brotam e ganham espaço cada vez mais dentro do campo educacional. Neste artigo, enfocaremos a discussão para a EA Crítica, EA Transformadora, EA Emancipatória e a Ecopedagogia<sup>1</sup>. Ao discutirmos estas novas nomenclaturas de EA queremos, mesmo que timidamente, criar um espaço para o amadurecimento teórico e das fontes epistemológicas destas adjetivações. Para tanto iremos nos apoiar na leitura de diversos

---

<sup>1</sup> Há outras adjetivações de EA que estão ganhando espaço e buscam consolidação teórica, como a Educação para a Gestão Ambiental (QUINTAS, 2004) e a Alfabetização Ecológica (MUNHOZ, 2004); porém não serão discutidas neste trabalho.

pesquisadores que já estão algum tempo à frente desta discussão, a saber, Carvalho, Guimarães, Loureiro, Lima, Avanzi, Gadotti, Ruscheinsky, e Layrargues.

## **1. Contrapondo-se a uma Educação Ambiental dita como Conservadora**

Mauro Guimarães (2004) sente a necessidade de re-significar a EA por compreender ser necessária a diferenciação de uma ação educativa que seja capaz de contribuir para a transformação de uma realidade que se encontrar em grave crise socioambiental. Acredita que a concepção de EA que vem se consolidando perante a sociedade não seja epistemologicamente instrumentalizada, nem comprometida com o processo de transformações significativas da realidade.

Carlos Loureiro (2004) denomina EA Conservacionista ou Convencional aquela EA que tem suas ações práticas dirigidas para a manutenção intacta de áreas protegidas e a defesa da biodiversidade, dissociando sociedade e natureza e, em suas palavras, completa:

[...] está centrada no indivíduo [...] Focaliza o ato educativo enquanto mudança de comportamentos compatíveis a um determinado padrão idealizado de relação corretas com a natureza, reproduzindo o dualismo natureza-cultura, com uma tendência a aceitar a ordem estabelecida como condição dada, sem crítica às suas origens históricas. O importante para esta vertente não é pensar processos educativos que associem a mudança pessoal à mudança societária como pólos indissociáveis na requalificação de nossa inserção na natureza e na dialetização entre subjetividade e objetividade (LOUREIRO, 2004-b, p.80)

Gustavo Lima (2004) entende como EA conservadora aquela cujas relações sociais globais e as relações entre a sociedade e o ambiente é satisfatória ou, senão plenamente satisfatória, o melhor que podemos conceber e por em prática. Este autor aponta uma vertente da EA Conservadora que ele denomina de Conservadorismo Dinâmico:

[...] variação da matriz conservadora que ao adotar uma expressão modernizante aparece ao público com feições transformadoras produzindo confusões entre os observadores menos atentos. [...] aparente dinamismo, a influência enganadora que exerce sobre a compreensão da questão ambiental, a posição hegemônica que ocupa no interior do campo

ambiental e da própria sociedade e a linguagem tecnocientífica utilizada que caracterizam sua expressão, tendem a despolitizar o debate e a desmobilizar a ação dos educandos e outros segmentos interessados na educação ambiental. [...] se utiliza de um discurso ambíguo que sugere e promete mudanças, mas deixa de dizer que as mudanças aceitáveis não podem ultrapassar os limites da ordem social vigente (LIMA, 2004, p.105).

A grande crítica que se faz a esta EA que vem se consolidando e que os autores aqui citados denominam de EA Conservadora é sua a despolitização e a não contextualização social, econômica e cultural. Há em sua prática um enfoque fortemente ecológico que, ao priorizar uma posição de produção e transmissão de conhecimentos e valores ecologicamente corretos, reforçar o dualismo sociedade-natureza existente. Peca ao não colocar o homem como sujeito responsável pela crise ambiental e sua solução. Enfim, é uma EA que está de acordo com a realidade socioambiental vigente e, por isto, é incapaz de transformá-la.

## **2. As adjetivações da educação ambiental brasileira**

### **2.1. Educação Ambiental Crítica**

A Educação Ambiental Crítica (EA Crítica) constitui-se, no campo educativo, no encontro da EA com o pensamento crítico:

A educação crítica tem suas raízes nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicados à educação. No Brasil, estes ideais foram constitutivos da educação popular que rompe com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida do sujeito (CARVALHO, 2004, p.18).

Paulo Freire é uma das referências do pensamento crítico na educação brasileira e sua pedagogia libertária e emancipatória é uma influência destacada por Isabel Carvalho (2004). Outras influências importantes para Guimarães (2004) são Milton Santos e Edgar Morin, todos com uma leitura influenciada pelo materialismo histórico.

Ao acrescentar no âmbito da EA a compreensão das relações sociedade-natureza e a intervenção sobre os problemas e conflitos ambientais, Carvalho (2004) coloca como projeto

político-pedagógico da EA Crítica a sua contribuição para mudanças de valores e atitudes, formando assim um sujeito ecológico. Nas palavras de Carvalho (2004):

[...] um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental. (CARVALHO, 2004, p.18).

Os valores ético-políticos que Carvalho refere-se são o cuidado para com a natureza e para com o Outro humano, valores que guiam as decisões sociais e reorientam os estilos de vida coletivos e individuais.

Mauro Guimarães percebe a EA Crítica não como uma evolução conceitual ou desenvolvimento metodológico em relação a que ele chama de EA Conservadora, mas coloca como uma contraposição que, a partir de um referencial teórico, subsidia uma leitura de mundo mais complexa e instrumentalizada para uma intervenção que contribua no processo de transformação da realidade socioambiental que é complexa. O objetivo da EA Crítica, segundo esse autor, é promover ambientes educativos que possam interferir sobre a realidade e seus problemas socioambientais e nesse processo educativo, num exercício ativo de cidadania dos educandos e educadores, contribuindo na transformação da grave crise socioambiental: *“A Educação Ambiental Crítica se propõe a desvelar a realidade, para, inserindo o processo educativo nela, contribuir na transformação da sociedade atual, assumindo de forma inalienável a sua dimensão política”* (GUIMARÃES, 2004, p.32).

Partindo para as ações pedagógicas, Carvalho (2004) acredita que a EA Crítica tem como prática educativa à formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situada. Porém, alerta que não é uma ação educativa centralizada exclusivamente no indivíduo como também não se perde no coletivo abstrato:

Na perspectiva de uma educação ambiental crítica, a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação. As pessoas se constituem em relação ao mundo em que vivem com os outros e pelo qual são responsáveis juntamente com os outros. Na educação ambiental crítica esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo supõe a

responsabilidade consigo próprio, com os outros e com o ambiente, sem dicotomizar e/ou hierarquizar estas dimensões da ação humana (CARVALHO, 2004, p.20).

Guimarães (2004) ressalta que as ações pedagógicas devem superar a transmissão dos conhecimentos ecologicamente corretos, assim como as ações de sensibilização, envolvendo afetivamente os educandos com a causa ambiental.

A EA Crítica nega intensamente a ruptura sociedade-natureza e propõe compreender os problemas socioambientais que nossa sociedade gera. Para isto, aposta na formação de um indivíduo que seja capaz de transformar a realidade que está inserido, fazendo fortes reivindicações sociais e ambientais. Suas ações pedagógicas estão vinculadas à contextualização da realidade, recusa à educação tecnicista e a simples transmissão do conhecimento.

## **2.2. Educação Ambiental Transformadora**

A Educação Ambiental Transformadora (EA Transformadora) constitui-se no Brasil nos anos 80 pela aproximação de educadores, principalmente os da educação popular e instituições públicas de educação, junto aos militantes dos movimentos sociais e ambientalistas com foco na transformação societária e no questionamento radical aos padrões industriais e de consumo consolidados no capitalismo (LOUREIRO, 2004).

A influência que Loureiro (2004) destaca é a pedagogia libertária e emancipatória de Paulo Freire e seus diálogos com a tradição do método dialético marxista. Outra abordagem pedagógica importante é a histórico-social crítica, distinta em vários aspectos da pedagogia freireana, mas também faz parte da tradição emancipatória:

Ainda dentro das influências pedagógicas enfatizadas por Loureiro (2004) destaca a tradição dialética marxista da Escola de Frankfurt, a importância de Gramsci que pensa a educação a partir de sua concepção de “escola unitária”, a organização dos movimentos sociais populares e a atuação dos agentes sociais em esferas articuladas às econômicas, para a construção de alternativas societárias viáveis. Também há as influências de autores que são associados ao “ecossocialismo” ou “ecossocialistas”, como Boaventura de Souza Santos. A problemática ecológica de Edgar Morin é também de grande influência.

A finalidade primordial da EA Transformadora é revolucionar os indivíduos em suas subjetividades e práticas nas estruturas social-naturais existentes:

Em termos concretos, isso significa atuar criticamente na superação das relações sociais vigentes, na conformação de uma ética que possa se afirmar com “ecológica” e na objetivação de um patamar societário que seja a expressão da ruptura com os padrões dominadores que caracterizam a contemporaneidade. Assim posto, privilegiar somente um dos aspectos que formam a nossa espécie (seja o ético, o estético, o sensível, o prático, o comportamental, o político ou o econômico, enfim, separar o social do ecológico e o todo das partes) é reducionismo, o que pouco contribui para uma visão da educação integradora e complexa de mundo (LOUREIRO, 2004, p.73).

Loureiro caracteriza a EA Transformadora como uma educação permanente, cotidiana e coletiva pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida:

Está focada nas pedagogias problematizadoras do concreto vivido, no reconhecimento das diferentes necessidades, interesses e modos de relação com a natureza que definem os grupos sociais e o lugar ocupado por estes em sociedade, como meio para se buscar novas sínteses que indiquem caminhos democráticos, sustentáveis e justos para todos. Baseia-se no princípio de que as certezas são relativas; na crítica e autocrítica constante e na ação política como forma de se estabelecer movimentos emancipatórios e de transformação social que possibilitem o estabelecimento de novos patamares de relações na natureza. (Loureiro, 2004, p.81).

A metodologia da EA Transformadora está na participação e no exercício da cidadania:

[...] princípios para a definição democrática de quais são as relações adequadas ou vistas como sustentáveis à vida planetária em cada contexto histórico. [...] Educar para transformar significa romper com as práticas sociais contrárias ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade, estando articulada necessariamente às mudanças éticas que se fazem pertinentes (LOUREIRO, 2004, p.81).

## **Educação Ambiental Emancipatória**

Gustavo F. da Costa Lima (2004) defende uma EA politizada que possibilite a construção de uma educação libertadora que ele chama de Educação Ambiental Emancipatória (EA Emancipatória). Uma contraposição à educação que tenha uma visão parcial e reducionista da realidade e que por isto tende a uma compreensão despolitizada e alienada dos problemas ambientais. Em suas palavras, a EA Emancipatória:

[...] acompanha esse movimento de complexificação e politização da educação ambiental ao introduzir no debate ingredientes e análises sociológicas, políticas e extrações de uma sociologia da educação de teor crítico e integrador, reunindo e pondo em diálogo uma diversidade de contribuições provenientes da teoria crítica, do pensamento ecológico, da teoria da complexidade, do neomarxismo, da teoria do conflito, da sociologia ambiental, da teoria da sociedade de risco, da educação popular, do socialismo utópico, da versão contemporânea da teoria da sociedade civil e dos movimentos sociais, do pós-estruturalismo e pós-modernismo, do ecodesenvolvimento e de uma educação ambiental crítica, entre outros (LIMA, 2004, p.93).

E completa: “Em termos teóricos e conceituais podemos dizer que a educação ambiental emancipatória procura enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e de integração no sentido de complexidade” (LIMA, 2004, p.94).

Muitas das referências citadas por Lima estão presentes tanto na EA Transformadora quanto na EA Crítica, a saber, Edgar Morin, Paulo Freire, neomarxismo, entre outros.

Lima (2004) entende por emancipação:

[...] para além de seu sentido jurídico e político convencional, integrando tanto a emancipação no nível da vida e da saúde psíquica quanto à emancipação da natureza de todas as formas de dominação que sobre eles se imponham. Esse processo corresponde a uma publicização e uma politização de esferas da vida que antes eram tidas como privadas ou não-políticas (LIMA, 2004, p.94).

Os temas geradores da pedagogia de Paulo Freire ao serem adotados pela EA Emancipatória priorizam uma visão multidimensional que possibilita uma compreensão da realidade politizada, complexa e transformadora: “[...] Nesse processo os educandos reconhecem



sua situação como problema e se deparam com a possibilidade de assumirem sua história, superando os obstáculos que impedem seu crescimento e humanização” (LIMA, 2004, p.99). E completa:

Essa construção revela um conjunto de elementos sintonizados com uma visão de mundo emancipatória quando, por exemplo, faz-se referência: à importância do diálogo no processo de ensino-aprendizagem; à prevalência de relações horizontais entre educador-educando; à valorização do saber do educando; à historicidade dos homens, as culturas e dos processos sociais; ao amor como fundamento do diálogo e como ato de liberdade; à crítica, a reflexividade e à criatividade como ingredientes indispensáveis à libertação; à promoção do homem e do educando como sujeitos de sua busca e de sua história e à transformação/libertação das relações de dominação que impedem a humanização dos indivíduo (FREIRE apud LIMA, 2004, p.99).

### **2.3. Ecopedagogia**

Segundo Moacir Gadotti (2000) a Ecopedagogia teve origem na educação problematizadora de Paulo Freire, que se pergunta sobre o sentido da própria aprendizagem e completa:

A pedagogia tradicional centrava-se na espiritualidade, a pedagogia da escola nova, na democracia e a tecnicista, na neutralidade científica. A Ecopedagogia centra-se na relação entre os sujeitos que aprendem juntos em comunhão (Paulo Freire). É sobre tudo uma pedagogia ética (GADOTTI, 2000, p.88).

Para Maria Rita Avanzi (2004) a Ecopedagogia considera a EA como uma mudança na mentalidade em relação à qualidade de vida. Porém, existe uma crítica a EA que tem como práticas pedagógicas separar o ambiente das questões sociais, nas palavras de Gadotti (2000): “A Educação Ambiental muitas vezes limitou-se ao ambiente externo sem se confrontar com os valores sociais, com os outros, com a solidariedade, não pondo em questão a politicidade da educação e do conhecimento” (GADOTTI, 2000, p. 88).

É desta EA que a Ecopedagogia se opõe, que tem: “[...] metodologias expositivas, enunciativas e impositivas com ênfase nos conteúdos, visando persuadir a respeito da conveniência da doutrina ecológica” (GUTIÉRREZ & PRADO apud AVANZI, 2004, p.40).

Apesar da crítica a EA, Gadotti esclarece: “A Ecopedagogia não se opõe à Educação Ambiental. Ao contrário, para a Ecopedagogia a Educação Ambiental é um pressuposto. A Ecopedagogia incorpora-a e oferece estratégias, propostas e meios para sua realização concreta” (GADOTTI, 2000, p.97).

As bases teóricas da Ecopedagogia situam-se no encontro da abordagem complexa e holística sobre o mundo com a pedagogia de Paulo Freire. A concepção de natureza da Ecopedagogia fundamenta-se no pensamento da nova física – que se opõe à visão de mundo fragmentada e dicotômica newtoniana - no holismo, tendo como referências Fritjof Capra e Leonard Boff. “A natureza [...] é tratada como um todo dinâmico, relacional, harmônico e auto-organizado, em interação com as relações que se estabelecem na sociedade” (AVANZI 2004, p.39).

A complexidade de Edgar Morin contextualiza as proposições da Ecopedagogia na “crise paradigmática”. A pedagogia freireana contribuiu com sua educação problematizadora, na qual se questiona o sentido da própria aprendizagem.

Segundo Moacir Gadotti, a Ecopedagogia pretende:

[...] desenvolver um novo olhar para a educação, um olhar global, uma nova maneira de ser estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido em cada momento, em cada ato, que pensa a prática (Paulo Freire) em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do pensamento. (GADOTTI, 2000, p.82).

E, completado por Ruscheinsky, a Ecopedagogia:

[...] propõe-se a ultrapassar o limite de ações pontuais no cotidiano, a inserir crítica à sociedade atual em diversos aspectos, a projetar uma nova relação com a natureza fundamentada numa outra relação entre os seres humanos e a compreender tudo isto como um processo pedagógico e um movimento social (RUSCHEINSKY, 2004, p.52).

Segundo Avanzi, “A proposta é construir a participação cidadã, considerando nosso pertencimento ao planeta Terra como única comunidade, de modo que as diferenças culturais, geográficas, raciais e outras sejam superadas”. (2004, p.44).

### **3. Algumas considerações**

As diversas adjetivações de EA vem sendo construídas num movimento de oposição às práticas de EA que tem forte foco ecológico, separando os problemas ambientais dos sociais, econômicos, culturais e políticos (denominada aqui de EA Conservadora). Este exercício de pensar e re-pensar a EA coloca-se como uma oportunidade de resgatar propostas e práxis pedagógicas que há muito tempo pareciam estar adormecidos e que ao serem trazidos para dimensão da EA enriquecem suas bases teóricas e epistemológicas.

Por serem adjetivações que ainda buscam consolidação muitas vezes apresentam suas fontes epistemológicas em construção, sem um embasamento teórico forte que dê sustentação para sua prática. Os referenciais teóricos por diversas vezes se repetem nas identidades de EA demonstram que seus limites ainda são delicados, assim como seus objetivos e práticas, correndo o grande risco de esvaziar-se enquanto uma nova adjetivação de EA. Cabe uma discussão mais cuidadosa destes referenciais teóricos para que estes possam efetivamente contribuir para a estruturação da práxis destas novas adjetivações. É mais que a apropriação das abordagens e discursos pedagógicos que simplesmente estariam cumprindo o papel de justificar a existência de uma nova adjetivação. Estes referenciais teóricos devem reforçar a base teórica em um exercício conjunto de reflexão, construção e consolidação das adjetivações, para que a EA possa enfim cumprir seu papel educativo, seu papel social. Como afirma Loureiro (2004-a) a EA precisa dar-se na prática social reflexiva e fundamentada teoricamente.

Acreditamos que a EA não pode ser um instrumento de reforço para manter a realidade que está consolidada na nossa sociedade; a EA vista como instrumento transformador da realidade (social, ambiental, política, econômica) deve consolidar novas posturas e adequar suas práticas. Certamente, as adjetivações apontadas em nosso trabalho sofrerão amadurecimentos teóricos, epistemológicos e perspectivas para a aplicabilidade eficaz de práticas embasadas em suas vertentes. Ao contrapor-se a uma EA Conservadora, as adjetivações de EA vislumbram um desafio: de colocar a educação e, em especial, a EA como um elemento central para a construção

de uma sociedade socialmente mais justa, ecologicamente sustentável e igualitária. Obviamente que não acreditamos que a educação sozinha pode mudar uma sociedade – ser uma salvadora. Nas palavras de Loureiro (2004-a, p58): “a educação não é o único meio para a transformação, mas um dos meios sem o qual não há mudança”. Entendemos que o papel da educação e EA vão além do educativo, alcançam o âmbito social.

Nosso trabalho foi uma tentativa de caracterizar as diferentes adjetivações da EA presentes atualmente nesta área educacional, contudo, não tivemos a intenção de esgotar o tema. Também salientamos que para que estas novas vertentes de EA sejam devidamente pensadas e colocadas em prática são necessários bons educadores ambientais disseminados dentro e fora do espaço formal de ensino. Criar condições para o preparo de educadores ambientais, orientados para promoverem a transformação social, sem cair na posição conservadora de formar meros transmissores de conhecimentos e valores vistos como ecologicamente corretos torna-se imprescindível.

Deixamos aqui a dúvida: até que ponto as concepções, fundamentos e justificativas que são apontados como suportes teóricos destas novas adjetivações da EA não se encontram esvaziados de sentido? De que forma estes referenciais e abrangências de concepções que são englobados por estas adjetivações poderão contribuir para a construção de suas bases teóricas e epistemológicas e fugir da armadilha de serem vistos como uma mistura de correntes de pensamentos?

### **Referências bibliográficas:**

AVANZI, M.R. *Ecopedagogia*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.

CARVALHO, I.C.M. *Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

- GUIMARÃES, M. *Educação Ambiental Crítica*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.
- LAYRARGUES, P.P. *Para que a Educação Ambiental encontre a educação*. In: Loureiro, C.F.B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez editora, 2004-a. 150p.
- LAYRARGUES, P.P. *(Re)Conhecendo a educação ambiental brasileira*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004-b. 156p.
- LIMA, G.F.C. *Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.
- LOUREIRO, C.F.B. *Educação Ambiental Transformadora*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004-b. 156p.
- LOUREIRO, C.F.B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez editora, 2004-a. 150p.
- RUSCHEINSKY, A. *Atores Sociais e Meio Ambiente*. In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.
- SORRENTINO, M. *De Tbilisi a Thessaloniki: A educação ambiental no Brasil*. In: QUINTAS, J.S.(Org.) Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. Brasília: Ed.IBAMA, 2000.